

(20,5%) foram LF-LAM reagentes e 62 (3%) indeterminados. Dentre os 995 sintomáticos, 240 (24,1%) estavam reagentes e dentre os 768 assintomáticos 122 (15,8%) estavam reagentes. De 1844, 82 (3,4%) foram CrAg reagentes. Dentre os 254 sintomáticos, 28 (11,0%) estavam reagentes e dentre os 1504 assintomáticos 48 (3,1%) estavam reagentes. De 1407, 119 (8,4%) foram AgUHisto reagentes. Dentre os 829 sintomáticos, 89 (10,7%) estavam reagentes e dentre os 578 assintomáticos 30 (5,1%) estavam reagentes.

Conclusão: O programa de implementação de assistência e rastreamento foi exitoso no nível populacional, inclusive com diagnósticos precoces em assintomáticos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103970>

EP-042 - TESTE DE HIV ENTRE HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS: PREDITORES DE ADESÃO

Milton Jorge de Carvalho Filho,
Paula Cassa Pedrassi,
Laelson Rochelle Milanês Sousa, Elucir Gir,
Renata Karina Reis

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo,
SP, Brasil

Introdução: A infecção causada pelo HIV afeta desproporcionalmente populações-chave quando comparadas a demais grupos populacionais. Homens que fazem sexo com homens representam um importante grupo para estudos sobre adesão a métodos de prevenção e controle da epidemia.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo analisar os preditores de adesão ao teste de infecção pelo HIV entre homens brasileiros que fazem sexo com homens.

Método: Foi realizado um estudo transversal com 1.438 participantes, selecionados on-line por conveniência em todas as regiões do Brasil. Análise de regressão logística binária foi utilizada para identificar preditores independentes de testagem para HIV na população estudada.

Resultados: A adesão ao teste anti-HIV foi elevada (80,1%). Baixa escolaridade (Odds Ratio Ajustado [AOR]: 2,40; Intervalo de Confiança [IC] 95%: 1,59-3,63); residir na região Norte do Brasil [AOR]: 4,41; IC 95%: 1,45-13,7) e ter 18-28 anos [AOR]: 2,66; IC 95%: 1,0292) foram independentemente associados a maiores chances de teste de HIV.

Conclusão: Apesar da adesão ao teste de HIV ter sido elevada na população estudada, intervenções futuras deverão encontrar estratégias para ampliar a testagem entre HSH.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103971>

EP-043 - ANÁLISE ESPACIAL DA INFECÇÃO POR HIV NO ESTADO DO PARANÁ

Laís Cristina Gonçalves,
Rafaela Marioto Montanha,
Ana Beatriz Floriano de Souza,
Camila dos Santos Peres,
Renata Pires de Arruda Faggi,

Laura Alves Moreira Novaes,
Luana Graziely Parra da Silva,
Alessandro Rolim Scholze, Caroline Hermann,
Flávia Meneguetti Pieri

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina,
PR, Brasil

Introdução: Apesar das crescentes inovações tecnológicas e avanços na eficácia da prevenção e tratamento relacionados ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) em diversas regiões do mundo, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) se mantém como uma urgente crise global de saúde.

Objetivo: Analisar a distribuição espacial da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) no estado do Paraná, Brasil.

Método: Foi realizado um estudo ecológico que analisou casos de HIV no estado do Paraná, de 2007 a 2022, tendo como fonte de dados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foi utilizado o Índice de Moran para a análise espacial e o diagrama de espelhamento de Moran para a interpretação dos resultados.

Resultados: A amostra total foi composta de 50.676 registros de HIV. Nos períodos de 2007 a 2014 e de 2015 a 2022, a média de casos no estado foi de 105,64 e de 159,20 a cada 100.000 habitantes, respectivamente, com importantes variações entre os municípios. Os agrupamentos espaciais de alto risco forma mais prevalentes na região metropolitana até a capital e no litoral, apontando um novo agrupamento na região norte do estado. O número de casos variou substancialmente em alguns municípios, sobretudo naqueles localizados na região litorânea. Parecer no. 4.063.442.

Conclusão: A análise espacial revelou que nas principais regiões metropolitanas do Paraná: Curitiba, litoral, Londrina e Maringá houve padrões geoespaciais de alto risco. Todas essas regiões compartilham características como elevado grau de urbanização e constante desenvolvimento econômico. A análise espacial mostrou-se uma ferramenta eficaz para compreensão oportuna da distribuição do HIV, sendo essencial para a gestão pública por contribuir na geração de indicadores de saúde, planejamento de ações e estratégias equitativas e alocação de recursos para as regiões endêmicas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103972>

EP-044 - FATORES DE RISCO CARDIOVASCULAR PELA ANÁLISE DO ESCORE DE FRAMINGHAM EM PACIENTES QUE VIVEM COM HIV HÁ 20 ANOS OU MAIS E USO PROLONGADO DE ANTIRRETROVIRAIS

Laura Beatriz de Camargo Vicioli,
Lenice do Rosário de Souza

Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB),
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu,
SP, Brasil

Introdução: As pessoas que vivem com HIV diagnosticadas e tratadas em longo prazo podem apresentar uma série de